

## Índice

Os Gestos: Notas no Regresso a Casa	17
Notas	151

Consegui lembrar-me de que tive dezassete anos. A morte foi a mão que abriu a porta. Esse tempo estava apagado, afundado, fora censurado pelo presente. A proximidade do fim desenterrou-o, como o vento ou a seca dos rios revela um cofre ou o aspecto do fundo. A revelação não foram os meus dezassete anos, mas os dezassete anos como caroço. Regresso entre a bruma e não vejo quem fui, sentada num café a escrever um diário. Vejo uma energia incolor, uma chama que, permanecendo acesa, resistiu a deixar-se entrever do presente. Essa chama é o presentimento ainda indefinido de um por vir. Associo a palavra *abandono* ao acto de escrever e a essa idade. Abandono-me — abandono alguém, quando escrevo. Dezassete abandonou-me. Diante da morte, imaginei, faltam aqueles que nos esperam no cais. A injustiça do que digo, face aos que me aguardam, quase esfuma Dezassete. Entendo o abandono como deixar-me ficar para trás do grupo e deixá-los ir à frente. No regresso, os dezassete começam por ser um atrasar de passo, porque nos deu na real gana, alguma coisa chamou a nossa curiosidade, ou porque fomos invadidos por uma raiva, ímpeto ou tristeza súbitos (então), ou porque um texto nos chamou como um esmagamento da vontade para tudo o resto, no caso dos livros. Detenho-me e atraso o passo. Os outros anos seguem o seu curso, rua fora. Viro costas, curvo a esquina, continuo caminho na direcção contrária. Vamos, eu e Dezassete,

de braço dado. Uma lembrança pode ser uma danação ou uma dádiva. “Costumava ser livre, costumava ter dezassete”, ouço numa canção.

Abandonar-me é um requisito do que escrevo, ainda que não possa socorrer-me dele de livre vontade. É condição de ser cada uma das minhas personagens, parentes de Dezassete, e, no entanto, não há decisão que me conduza a esse intento. Quanto mais me deixo para trás, mais eles são eu. Dezassete, aprendi então que tinha um corpo e que esse corpo podia ser rejeitado, desamado. Apaixonei-me quase cinquenta e duas vezes por cinquenta e duas pessoas diferentes, aos dezassete. Escrevi, imagino, mil poemas. Tudo isso é irrisório.

Concentro-me no modo como a vida posterior me vedou essa idade, como quem me escondia um segredo, no modo como apenas o conhecimento do luto e do maior sofrimento me levaram a ela. Não era digna de lhe tocar enquanto verdadeiramente não tivesse chorado, acredito agora. E este pensamento leva-me à volta desse segredo como insecto atraído pela luz. Que há nos dezassete de tão puro que nem sequer nós, volvidos anos, somos merecedores de tocar? Porque nos suja a versão da vida que somos num dado momento a ponto de nos esquecermos das versões passadas, de as odiarmos, de nos envergonharmos delas? Talvez excremos não o que vivemos, aqueles que fomos, mas aqueles em que nos tornámos. Teremos perdido a delicadeza para apreender o que havia de precioso no que ficou para trás. Satisfazemo-nos no cinismo disfarçado de experiência que é o lamento por essa perda irreparável. Sobre as raparigas que fomos, entre nós e elas, um manto que só revela que alguma coisa em mim apodreceu. Ousar chegar aos dezassete obriga-me a arriscar despir o manto. Tremo diante do medo de que já não haja mulher alguma debaixo da armadura do cinismo. Para chegar aos dezassete tenho de a olhar como desejaria que ela me olhasse, se me visse hoje.

Dezassete fumava os primeiros cigarros, bebia os primeiros cafés, numa pastelaria perto de uma ponte de pedra. Julgava-se adulta, não sabia aquilo que ainda não sabia (como ainda não sei)

ou todas as primeiras coisas, primeiras vezes, que tinha pela frente. Sofria as primeiras derrotas e desilusões, tinha uma confidente, ganas de ser maior e de perder a virgindade.

Não me desperta saudades. Está e não está. Vive e não vive. Foi-se e permanece. Dezassete, o teu cabelo rapado, as tuas unhas compridas, as tuas certezas — onde? Apaga e acende, pisca. Cheguei-me a ela sem saber se é cheiro, temperatura, uma semente, um espectro em visita, uma ideia fugidia ou uma condição temporária.

Lembrei-me de quem sou sem me aperceber de que, caminhando, me lembrava. Pouco a pouco, de volta ao começo, desbravo a estrada, deixada atrás a cabeça, descobrindo que não estou sozinha e que um perfume de outrora, ainda novo, me aguarda. Comprei o perfume que a minha mãe usava quando eu era menina e também o da minha avó, nos mesmos anos. Passo os perfumes e viajo até elas, sou um pouco do que foram. Pela casa, perfumada, os espíritos da sua juventude são a minha sombra. Sinto-me um pouco de ambas, concentrada na razão de escolherem este cheiro e não outro. Estou de novo aninhada nos seus colos, quando o perfume já está cansado do dia e, sobre a pele, paira apenas a mistura entre ele e a pele, uma aura protectora que me consola. Sorvo-as nos meus pulsos e, de novo, por magia, os seus gestos revivem nos meus, quando arrumo talheres ou me penteio, estão comigo as suas juventudes através do tempo, nas pontas dos meus dedos, no tremor das minhas mãos, nos meus primeiros cabelos brancos. Longe de ambas, estão comigo, pelo corredor, onde o perfume se instala, pela rua, no rasto que deixo, as mulheres com quem aprendi o que era ser senhora. E os cheiros já não são de agora, mas um pouco antigos, perfumes que já ninguém usa, um pouco intensos de mais, sublinhados, perfumes itálicos, de âmago quente. Rimam não comigo, mas com o lugar de onde vim, elas mesmas Primavera ida, a minha avó morta e a minha mãe da mi-

nha idade. Vieram em dois frasquinhos, são cor de ouro e, a cada gota, sobre a minha pele, convocam-nas, convocam-me. Passo-os no pescoço antes de começar a escrever e tenho a ideia de que são elas que me escrevem enquanto escrevo, elas que me ditam. Perfaço as suas vidas, levo-as comigo, mas não como se levasse comigo um saco. Antes, sobre a minha pele, conduzo a sua. Vão, suave auréola, progredindo, e sempre jovens, apresento-lhes o futuro. Meninas de ontem, estranham este mundo, e trazem-me um tanto desarrumada da vida que me trazem as janelas de casa. Estamos as três aqui, eu e elas, tudo novo onde somos novas de novo, minhas mulheres.

Perfumar-me é ressuscitá-las, ou levar os seus fantasmas em passeio, levo-as a lugares aonde não foram, trago-as a um amor que não conheceram, vingo-as quando me vingo, rimos juntas, se me divertir. E, ao mesmo tempo, acompanham-me, são senhoras duas vezes, duas vezes jovens, duas vezes vivas. Deixar em testamento uma única linha: deitem-me à terra perfumada com os seus perfumes — na esperança de darem comigo do outro lado e de a eternidade ser o retorno da sua juventude.